

As interpretações do “eu” em Rm 7 e suas ênfases na escatologia inaugurada

Otoniel Barbosa de Faria¹⁹¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo propor uma avaliação das interpretações do “eu” em Rm 7.7-25. Faremos isso a partir da ótica da escatologia inaugurada, em outras palavras analisaremos as possíveis interpretações e veremos quais delas lida melhor com a escatologia inaugurada. Veremos as principais linhas de interpretação, sendo o “eu” não biográfico (ou seja, o “eu” como Adão, Israel ou um não regenerado) ou o “eu” biográfico (ou seja, o texto estaria falando de Paulo pré ou pós conversão).

Palavras-chave: Paulo; Romanos; escatologia-inaugurada, interpretação.

Abstract: This article aims to propose an evaluation of the interpretations of “I” in Rom 7.7-25. We will do this from the perspective of inaugurated eschatology, in other words we will analyze the possible interpretations and see which ones deal best with the inaugurated eschatology. We will see the main lines of interpretation, being the non-biographical “I” (i.e. the “I” as Adam, Israel or an unregenerate) or the biographical “I” (i.e. the text would be talking about Paul pre or post conversion).

Keywords: Paulo; Romans; eschatology-inaugurated, interpretation.

1. Introdução

Michael Bird (2016, n.p.) diz algo interessante ao iniciar a análise da passagem: “ler Romanos 7:7 – 25 é como aquele momento em um voo em que o avião passa por turbulência e o piloto diz para você apertar os cintos de segurança. Então, é hora de apertar os cintos de segurança exegéticos, porque aqui fica turbulento!”

Historicamente, cf. Michael Gorman (2022, n.p.¹⁹²) a maioria dos leitores de Rm 7 entendeu que Paulo estava narrando sua própria história pessoal, vendo o “eu” como uma referência autobiográfica a si mesmo. Porém, hoje a maioria dos intérpretes não veem Paulo falando de si mesmo, visto que não há uma outra referência autobiográfica de Paulo como alguém que tem uma luta interna, mesmo antes de sua conversão (cf. Gl 1.14, Fp 3.4-6). Conforme Gaventa (2013, n.p.):

¹⁹¹ Mestrando em Estudos bíblicos do NT no Seminário Jonathan Edwards. Pós-graduado em Teologia do NT pela Unifil. Bacharel em teologia pela Universidade da Grande Dourados. Pastor da ICPI em Florianópolis-SC.

¹⁹² Fonte eletrônica não paginada (a sigla aparecerá em outras obras no decorrer do Artigo).

A literatura acadêmica é abundante em argumentos sobre o “Eu”, a maioria dos quais gira em torno de duas questões. A primeira é a questão da autobiografia: o falante é Paulo? Se sim, então de qual capítulo de suas memórias é tirada essa declaração; é pré ou pós-conversão? A segunda questão tem a ver com a retórica da passagem: isso é ou não é um exemplo de fala em caráter? Ou seja, Paul está auto conscientemente dando voz à postura ou experiência de outra pessoa ou grupo de pessoas?

Nosso objetivo com este artigo não é propor uma interpretação, visto que muitas possibilidades e combinações delas já foram estudadas. Queremos, portanto, apresentar as possíveis interpretações e suas dificuldades. Faremos isso com o propósito de analisarmos como essas propostas de interpretação lidam com a escatologia inaugurada. Esta é a nossa problemática: como as propostas de interpretação do “eu” em Rm 7 lidam com o já-e-ainda não? Sendo assim, a relevância de nossa pesquisa está em apresentar de forma geral as probabilidades hermenêuticas do texto e propor um olhar para a teologia geral de Paulo, no caso um olhar geral para a escatologia inaugurada de Paulo, para que consigamos analisar as propostas apresentadas.

2. Personificação de Israel

Os estudiosos que seguem esta interpretação, afirmam que essa forma de ler Romanos 7 explicaria a narrativa histórica e a progressão encontrada nos versículos 8-10. Thomas Schreiner (2018) ao explicar essa posição mostra que para compreender essa interpretação devemos diferenciar pecado e transgressão na teologia Paulina. De tal forma que:

O pecado existe no mundo além da lei (2:12; 5:13), mas não é especificamente identificado como “transgressão” (παράβασις, *parabasis*), uma violação deliberada e rebelde da vontade de Deus, além da lei. Assim, 4:15 diz: “Onde não há lei, nem há transgressão.” A entrada da lei na história da salvação provocou transgressão (5:20), de modo que o pecado se manifestou como um desrespeito flagrante da vontade divina. É o aumento do pecado após a doação da lei no Sinai que 7:7–12 descreve. Assim, Paulo não está sugerindo que Israel não tenha pecado antes da recepção da lei. O argumento é que o pecado de Israel após o Sinai pode ser caracterizado como transgressão, já que mandamentos específicos de Deus foram violados (Schreiner 2018, n.p.).

Douglas Moo (2018) entende que nos versículos 9-10 é possível ser uma referência a Israel. Para Moo (2018) um fator que favorece a referência a Israel como um todo é a semelhança entre a sequência de vv. 9-10a e o ensino persistente de Paulo sobre como a doação da lei mosaica tornou a situação de Israel pior, não melhor. A lei, Paulo afirmou, “traz ira” (4:15), transforma o pecado em transgressão (5:14; cf. Gl 3:19), e “aumenta a transgressão” (5:20a). A proeminência dessa sequência histórica de salvação em Paulo torna provável que em vv. 9–10 ele esteja usando um estilo narrativo vívido para descrever essa

sequência de um ângulo mais pessoal. Mas ao mesmo tempo ele sustenta que nos versículos 14-25 há inegáveis pontos autobiográficos de Paulo. Portanto, Paulo estaria falando de si mesmo em solidariedade com a experiência de Israel, pois é notório (para Moo) que os judeus individuais tinham um senso vivo de identidade corporativa. Desta forma Douglas Moo (2018, n.p.) tem uma visão modificada do “eu” como personificação de Israel, ele conclui:

Concluimos, então, que egō denota o próprio Paulo, mas que os eventos retratados nesses versículos não foram todos experimentados pessoalmente e conscientemente pelo apóstolo. É nesse sentido que defendemos uma combinação da visão autobiográfica com a visão que identifica egō com Israel. Egō não é Israel, mas Egō é Paulo em solidariedade com Israel.

Em outras palavras, o “eu” em Rm 7 é a história de Paulo, porém, é mais do que isso, pois a história de Paulo personifica a história de Israel. Paulo pega pontos de sua vida e mostra como na história da salvação do povo de Deus ele é um reflexo (ou exemplo) da história de Israel. Carlos Dantas apresenta de forma detalhada essa posição em seu artigo¹⁹³.

Um dos problemas desta interpretação aparece nos versículos 9-10, quando aparece ali uma vida antes da lei. Moo afirma que está vida não é tão espiritual, ou seja, não teria o sentido de vida espiritual. O problema é que também temos no mesmo trecho a palavra morte. Assim os dois substantivos ζωή e θάνατος devem ser contrastados entre si, assim também os dois verbos nos versículos 9-10 funcionam de forma semelhante. Se “morte” se refere à morte escatológica de Israel no sentido mais completo, então deve seguir que Israel teve vida escatológica antes da aliança com o Sinai. Só assim os dois verbos podem ser interpretados de forma consistente¹⁹⁴.

Além disso, temos que notar a inexistência de pistas que levem a este entendimento. Conforme Júnior (2006, p.308):

Se essa é a interpretação correta, chegaríamos à triste conclusão de que a igreja esteve alheia, por séculos, ao real sentido do texto, e que ainda continua, em sua maioria. Certamente, a interpretação do “eu” nacional recebendo as tábuas da Lei não é, apropriadamente, uma leitura viável do texto.

Um outro problema que surge desta posição é relação com o conteúdo geral da carta e seu propósito. C. Marvin Pate afirma sobre a carta:

¹⁹³ Quem sou eu? Quatro Perspectivas sobre o ἐγὼ de Romanos 7. 14-25. Revista Jonathan Edwards, v. 2 n° 2, p. 130-150. Ainda que conforme veremos, preferimos outra interpretação na análise proposta neste artigo, Carlos é convincente na sua forma de apresentar o eu em Rm 7 como personificação de Israel.

¹⁹⁴ Thomas Schreiner (2018). Romans (BECNT)

Paulo escreveu Romanos para defender seu evangelho da graça de Deus por meio de Cristo, e o faz: argumentando que este se encontra enraizado no AT (Rm 2-5); deixando claro que sua ética não é antinomista (Rm 6-8); e apresentando um futuro para Israel (Rm 9-11). Todas essas questões serviriam para ajudar os temores dos cristãos judeus em Roma de que Paulo fosse antijudeu. Mas dos mesmos capítulos, cristãos gentios teriam colhido de bom grado o ensinamento de que os gentios são salvos pela fé em Cristo, independente da lei, e de que a conversão das nações é parte relevante do plano de Deus (Pate, 2015, p. 12).

Deste modo então, afirmar que Paulo está fazendo uma personificação de Israel ou de um israelita em um tom tão negativo seria contrário aos objetivos da carta.

3. Uma referência a Adão

“Adão (ou Adão com Eva) fornece melhor uma voz em primeira pessoa do que um israelita depois do Sinai, dado o uso corporativo e tipológico de Paulo de Adão” (Keener 2016, n.p.)¹⁹⁵.

Aqueles que defendem este ponto de vista partem do pressuposto que somente Adão teve vida, estritamente falando, antes da lei (v.9). Conforme vemos em Romanos 5.12-17 toda a raça humana vem a existência em pecado (a não o Cristo). Portanto, a partir da fala de Paulo de que todos pecaram e carecem da glória de Deus e que o salário do pecado é morte, dificilmente falaria de um descendente, pecador, de Adão que teve vida. Apenas Adão teve vida em sentido pleno antes da chegada da lei. Da mesma forma, apenas Adão tinha vida e depois morreu ao transgredir o mandamento de Deus.

Além disso, o versículo 11 pode ser uma alusão a Gn 3.13. Deste modo, Paulo estava falando em lugar de Adão, já que todos os homens nascem em Adão. Para Gorman (2022, n.p.) a conclusão sobre o “eu” é:

podemos dizer que o “Eu” de Paulo em Rm 7 é Adão, no sentido de que todos vivem em Adão e, assim, sob o reinado do Pecado, da Morte e (depois de Moisés) da lei (cf. 5:12–14; 1 Cor 15:22). Paulo até alude ao Gn 2–3 para contar a história da entrada do pecado na raça humana (tempo passado, 7:7–13) e as consequências contínuas de seu reinado (tempo presente, 7:14–25). Esta condição de estar em Adão e escravizado ao Pecado também é descrita como sendo “da carne” ou na minha/na carne (7:14, 18; 8:8-9). Sua antítese—e seu antídoto—está sendo “em Cristo” e, portanto, “no Espírito” (8:1, 9–11)

Ben Witherington III em seu livro "What 's in the Word" defende esta posição. Ben Witherington III (2011, p.67) afirma: “na minha opinião, o “eu” é Adão nos versículos 7-13 e todos aqueles que estão atualmente “em Adão” nos versículos 14-25”. A defesa feita por

¹⁹⁵ Esta não é a posição de Keener, porém ele apresenta alguns pontos importantes sobre cada posição exegética nesta passagem, dentre elas a hipótese de Adão ser o “eu” representado por Paulo.

Witherington é feita a partir da apresentação da retórica grega. Ele apresenta convincentemente que Paulo faz uso da personificação ou *prosopopeia*¹⁹⁶. Witherington apresenta 5 argumentos no texto a favor dessa interpretação:

Primeiro, a partir do início da passagem no versículo 7, há referência a um mandamento específico: “não cobiçarás” Este é o décimo mandamento em uma forma abreviada (cf. Êx 20:17; Dt 5:21). Alguma exegese judaica inicial de Gênesis 3 sugeriu que o pecado cometido por Adão e Eva era uma violação do décimo mandamento. Eles cobiçaram o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] Em segundo lugar, é preciso perguntar quem na história bíblica estava sob apenas um mandamento, que era sobre cobiçar? A resposta é Adão. O versículo 8 refere-se a um mandamento (singular). Isso dificilmente pode ser uma referência à lei mosaica em geral, da qual Paulo fala regularmente como uma entidade coletiva. [...]Terceiro, o versículo 9 diz: “Eu estava vivendo uma vez sem/fora da Lei. A única pessoa que disse na Bíblia para viver antes ou sem qualquer lei era Adão. [...]Em quarto lugar, como numerosos comentaristas notaram regularmente, o pecado é personificado neste texto, especialmente no versículo 11, como se fosse como a cobra no jardim. Paulo diz: “O pecado aproveitou a oportunidade através do mandamento para me enganar”. Isso combina bem com a história sobre a cobra usando o mandamento para enganar Eva e Adão no jardim.[...]Quinto, observe como no versículo 7 Paulo diz: “Eu não conhecia o pecado, exceto através do mandamento”. Essa condição só seria correta no caso de Adão (Witherington, 2011 p. 70).

A principal objeção que surge no versículo 7, quando Paulo cita o mandamento do decálogo. E isso dificilmente foi um mandamento recebido por Adão. Ainda que alguns, como Schreiner (2018) cita¹⁹⁷, acreditam que Adão tinha a Torá no Jardim, isso não é convincente. O próprio Paulo em suas cartas demonstra que a Lei foi dada no Sinai e que Adão não conhecia a Torá. Em resumo, a visão a que Paulo se refere a Adão é atraente, mas deve ser rejeitada, já que Adão não encontrou a lei mosaica (Schreiner 2018, n.p.) Jair de Almeida Júnior (2006 p.53) mostra que Gundry apresenta dois argumentos fortes contra esta interpretação:

Sofre de falta de coerência, pois não foi Adão que foi enganado e desejou o fruto proibido, mas Eva. Assim, a mencionada ligação estrutural com Romanos 5.12-21, onde claramente fala de Adão, cai por terra. O referido autor argumenta que Paulo faz clara distinção entre Adão e Eva quanto a este assunto (2 Co 11.3; 1 Tm 2.14). 2) Há uma completa ausência do nome Adão em Romanos 7.7-25, explica Gundry, diferente do que acontece quando trata do assunto em outros lugares (Rm 5.12-21; 1 Co 15.22).

4. Um não regenerado

G. K. Beale (2018 , p.710) faz uma lista de pontos que, para ele, prova que Paulo está falando de um não convertido:

¹⁹⁶ Técnica retórica usada para ilustrar ou tornar viva uma peça de retórica (Witherington, 2011 p.61).

¹⁹⁷ Lyonnet (1962a: 137–3), Stuhlmacher (1994: 107) Schnabel (2016: 130–31)

‘sou carnal’ (7.14)¹⁹⁸ (2) "vendido como escravo do pecado" (7.14); (3) "quem me livrará do corpo desta morte?" (7.24) 25 (4) "porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum" (7.18 [em contraste a 8.9]) (5) "desgraçado homem que sou (7.24).

Beale (2018) a partir desses 5 pontos conclui que Paulo não estaria falando de si mesmo após conversão, visto que essas descrições em sua opinião não podem ser condizentes com a vida Cristã. Para Beale as seções da ética Paulina (parênese) são feitas a partir de quem somos, o que ele chama de indicativo-imperativo, por isso também o texto não fala de um regenerado. Uma outra possibilidade então é que Paulo está falando de si antes do encontro com Cristo, ou seja, não regenerado. Frank Thielman (2018, n.p.) chega à seguinte conclusão:

Em 7:14–23, Paulo descreve em linguagem vívida e presente-tensa sua situação (e a situação de qualquer um) como um incrédulo que precisa ser resgatado, mas ainda não sabe quando a libertação virá ou quem a trará. Como Orígenes já reconheceu, ele adota a “persona” de um incrédulo “para que ele possa mostrar claramente e demonstrar ao máximo de quantos males e de quantos tipos de morte Cristo nos resgatou.

Craig Kruse (2012, n.p.) concorda da seguinte maneira:

Não se deve imaginar que esse retrato de um conflito de vontade e ação representa a experiência do dia-a-dia de todas as pessoas que vivem sob a lei. Como diz Witherington: “Temos aqui uma análise cristã do mal-estar geral da humanidade caída quando se trata de pecado, morte e Lei, e a verdade é que só chegando ao ponto de serem condenadas, convencidas e convertidas é provável que as pessoas caídas se vejam como descritas aqui.

Michael BIRD (2016, n.p.) afirma semelhantemente:

O “eu” não é cristão e não pode ser cristão. Embora muitos possam ter grande conforto em uma leitura cristã de Romanos 7:7 - 25, fornecendo provas de que até mesmo o apóstolo Paulo lutou com o pecado em sua vida cristã, fornecendo esperança e socorro para o resto de nós em nossa luta contra a carne - e é uma posição apoiada por estudiosos nada menos que Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino, Dunn, e Cranfield. Paulo não está falando sobre cristãos nesta seção, já que a afirmação “Sou carnal, vendido como escravo do pecado” (7:14) entra em conflito com o que ele diz sobre os cristãos em Romanos 6, onde declarou que eles foram libertados do pecado (6:6 – 7, 17 – 18, 22). O orador luta para obedecer à lei (7:22, 25), enquanto os cristãos estão livres da lei (6:14 – 15; 7:6).

Um outro ponto importante para aqueles que defendem esta posição é que não há nenhuma menção ao Espírito na passagem. Certamente, a ausência do Espírito em Romanos 7 imporia uma condição totalmente anômala ao pensamento de Paulo, se o texto tratasse de um cristão (Júnior, 2006 p.69).

Outros vão além nesta possibilidade e afirmam que Paulo não está falando de qualquer não-regenerado, mas está falando de si mesmo a partir da nova vida em Cristo. Ou seja, o não

¹⁹⁸ Paulo utiliza carne (Sarx) em Rm 8.3-13 para falar da humanidade incrédula.

regenerado na passagem seria Paulo. Conforme Thomas Schreiner (2018, n.p.) que após analisar o texto conclui da seguinte forma:

Concluo, então, que a referência principal é ao próprio Paulo nesta passagem. Paulo transmite sua própria experiência porque é paradigmática, mostrando o destino de todos aqueles sob a lei. Também podemos entender por que tantos estudiosos veem uma referência a Adão ou a Israel, já que a experiência de Paulo recapitula a história de Adão com o comando de Deus dado no jardim e a experiência de Israel com a Torá. Ainda assim, o foco aqui está na experiência de Paulo (cf. também Dunson 2012: 162–65), embora o que Paulo diz esteja relacionado a todos os seres humanos, pois o encontro com a lei produz morte em vez de vida.

Gordon Fee (1997, p. 147) concorda ao afirmar que:

Paulo argumenta exaustivamente o que representou viver sob a lei; e seja o que for verdadeiro a respeito do Paulo cristão, ele não se considera estar debaixo da lei. O que ele argumenta de sua (agora) perspectiva cristã, é que foi como viver sob a lei antes de Cristo e do Espírito.

As dificuldades desta visão surgem quando observamos que este “eu” (1) sabe que a lei é boa (v.16), (2) ele quer fazer o bem (v.19), (3) tem prazer na lei de Deus (v.22), (4) ele dá graça a Deus por Jesus Cristo, a qual ele chama de Senhor (ainda que alguns veem como um parêntese esse trecho, é uma dificuldade na interpretação), (5) ele se considera um escravo da lei de Deus. Sobre querer fazer o bem, cf. 19, Dunn (1988 p.408) afirma:

Eu" tenho a vontade de fazer o bem, o bem que a lei define, mas não a força para traduzir essa vontade em ação. Mas a culpa não está no "eu": o "eu" está dividido, suspenso entre as épocas, dividido entre o meu estar em Cristo e a minha presença nesta época; a culpa recai antes sobre o pecado. E não é a cisão em si que o pecado usa, como se o pecado pudesse manipular os dois "eus" para alcançar uma espécie de esquizofrenia. O pecado não pode me tocar em minha presença em Cristo, mas o pecado ainda domina o mundo ao qual "eu" ainda pertence como um homem de carne.

Ou seja, a dificuldade com esta posição surge justamente daquilo que é o seu ponto forte, ou seja, notar que vários aspectos do “eu” presente na passagem não podem se referir a um regenerado. Porém, ao mesmo tempo, surge a dificuldade de que outros aspectos em que o “eu” não pode se referir a um não regenerado.

Outro fator que dificulta a interpretação que entende o “eu” como falando de um não regenerado é quanto aos paralelos nos textos paulinos. "Não há um texto que se emparelhe a esse nos escritos de Paulo. Não há outro lugar onde o apóstolo fale com tanta vivacidade, “incorporando” a condição de um não-regenerado” (Júnior, 2006 p. 321).

5. Alguém que quer viver por seus méritos

Este grupo de intérpretes vê neste texto uma luta interna, mas não uma luta do cristão. Mas estaria o texto falando de alguém que quer viver segundo os seus méritos. Essa pessoa

quer fazer o bem, sabe o que é o certo e conhece a Lei de Deus. Porém, não consegue fazer o que é certo. O versículo 25a, para esses, seria uma interjeição parentética que Paulo faz, “pois esta exclamação de 7:25a está de acordo com sua exclamação anterior de 6:17, “Mas graças a Deus” (χάρις δὲ τῷ θεῷ), que ele interveio entre suas declarações em 6:16-20 sobre a antiga condição de seus destinatários como tendo sido “escravos do pecado, que conduz à morte” (Longenecker 2016, n.p.).

Para Longenecker (2016, n.p.) a conclusão sobre a passagem é:

Rm 7:7-25 não deve ser visto como a avaliação de Paulo de sua experiência judaica pré-conversão ou sua experiência cristã pós-conversão. Nem esses versos expressam o lamento de apenas um judeu sob a lei mosaica ou o grito de apenas um cristão que desliza de volta para uma atitude legalista em relação a Deus. Em vez disso, esse lamento horrível deve ser entendido como o solilóquio retórico de Paulo, que ele estabelece em uma forma retórica de “discurso em caráter”, em relação à trágica situação de todas as pessoas que tentam viver suas vidas por suas próprias habilidades naturais e recursos adquiridos, além de Deus. E expressa a percepção de Paulo e de todas as pessoas espiritualmente sensíveis de que, por causa da história corporativa da humanidade e de nossas próprias experiências pessoais, nos tornamos tão ligados pela depravação e pelo pecado que só pode haver libertação através da intervenção divina.

De modo semelhante Achtemeier (2010, n.p.) afirma:

O que Paulo descreve nestes versículos, portanto, é o dilema de todos os seres humanos que buscam seguir a vontade de Deus, além de Cristo. Sabendo que devem fazer o bem, os seres humanos, no entanto, tropeçam sob o poder do pecado no próprio mal que procuram evitar. Tentando fazer o bem, eles de fato se opõem ao bem até aquele ponto em que o reconhecem em Cristo.

Craig Keener (2009, n.p.) afirma:

Para Paulo, qualquer pessoa que lute para ser feito justo seguindo o padrão de Deus, em vez de confiar no dom transformador da justiça de Deus, pode experimentar o tipo de tensão entre saber o certo e estar certo descrito aqui. A descrição de Paulo aqui, no entanto, é hiperbólica (como em 2:17–24): incapacidade completa de fazer o certo.

A dificuldade desta posição (e de outras que veem o texto como expressão de um não cristão) está nos versículos 24-25, a conclusão da passagem. A pergunta no versículo 24 é respondida no versículo 25. No v.25b está escrito “Assim, pois, sou eu mesmo que pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado”, para Dunn (2003 p.537) “se esta é uma descrição de um estado inteiramente passado para os crentes, seu aparecimento neste ponto é simplesmente surpreendente e totalmente confuso”, visto que vem após o grito de liberdade “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”. Como conclusão de 7.7-25, o versículo 25b, conforme Dunn (2003 p.538) "difícilmente pode ser lido mais naturalmente de outro modo

que não indicando estado que continua, ou seja, estado de contínua divisão do “eu” que diz “Graças a Deus por Jesus Cristo Senhor nosso!”

6. Uma outra possibilidade

Gaventa (2013) procura fazer uma interpretação apocalíptica da carta de Paulo aos romanos, mostrando que há na carta um conflito entre Deus e aqueles que são contra Deus, nesta carta esses poderes antiDeus são chamados, de pecado e morte. Desta forma o capítulo 7 não é sobre o “eu”, mas sobre o conflito entre Deus e os poderes do pecado. Gaventa (2013) segue Paul W. Meyer¹⁹⁹ que demonstra que o foco do capítulo 7, não seria o “eu”, mas o poder do pecado. Então Gaventa (n.p.) conclui:

Pelo que vejo, Romanos 7 demonstra que o conflito entre Deus e os poderes do Pecado e da Morte não é apenas sobre algum outro “eles” ou sobre um “nós” privilegiado que de alguma forma foi removido do alcance do Pecado. É também sobre o “eu” que se deleita com a vontade de Deus e realiza fielmente o que é santo, certo e bom, já que o poder cósmico do Pecado alcança até mesmo em nossos melhores eus e produz desespero.

Essa interpretação é feita também a partir da análise do “eu” presente nos Salmos, especialmente os Salmos 17, 69 e 119. Gaventa afirma:

Eu argumento que o “Eu” de Romanos 7 é moldado pelo “Eu” do Saltério, embora aqui o “Eu” do Saltério tenha sido reformulado, talvez até distorcido, através da lente do evangelho. E eu argumento ainda que o “eu” tem o potencial de moldar seus ouvintes, para que eles se juntem a esse “eu” ao clamar por libertação do poder escravista do Pecado.

Essa possível interpretação, levanta algumas perguntas problemáticas, que podem ser temas de outros trabalhos: (1) a carta possui este teor apocalíptico entre Deus e as forças contrárias? (2) é possível ver o uso do “eu” semelhante ao uso presente nos salmos ou de fato ou seria mais biográfico ou discurso em caráter? (3) Os destinatários teriam entendido dessa forma?

7. O próprio Paulo em tensão escatológica

FF Bruce (2008, n.p.) afirma sobre a interpretação autobiográfica da passagem:

Esta interpretação autobiográfica não comanda a aceitação geral hoje de que uma vez o fez: um escritor fala dela como "agora relegada ao museu de absurdos exegeticos".

¹⁹⁹ Em “The Worm at the Core of the Apple: Exegetical Reflections on Romans 7,” in *The Conversation Continues: Studies in Paul and John in Honor of J. Louis Martyn* (ed. Robert T. Fortna and Beverly R. Gaventa; Nashville: Abingdon, 1990), 62–97;

Mas os argumentos contra ela não são conclusivos. Paulo não pensou em sua própria experiência como única; o relato que ele dá aqui é verdadeiro em maior ou menor grau da raça humana. Um paralelo pode ser traçado entre 7:13–8:2 e o esboço da história humana em 5:12–21; em ambas as passagens pode-se distinguir três fases: (a) antes da lei; (b) sob a lei; (c) livre da lei em Cristo. Também pode ser que aqui, como em 5:12–19 Paulo tenha a narrativa da queda parcialmente em mente.

A solução exegética mais óbvia é ver aqui mais uma expressão da tensão escatológica. A tensão de Rm 7,7-25 é a tensão do já-ainda não (Dunn, 2003 p.538). James Dunn em seu comentário da carta aos Romanos (1988, p. 412) chega à seguinte conclusão:

Em suma, 7:7-25 deve ser visto dentro do contexto dos capítulos 6-8, como uma exposição de um aspecto inevitável da vida do crente dentro deste mundo, um aspecto impossível de ignorar, mas nunca ser visto isoladamente da declaração preliminar e das exortações do capítulo 6 ou da exposição complementar do capítulo 8.

Scott Hahn (2017, n.p.) chega semelhantemente a mesma conclusão, ele afirma:

A questão é apenas que os crentes, tendo sido libertados da escravidão do pecado através do batismo, ainda têm que contar com a maldade dos desejos pecaminosos. O cristão ainda é capaz de viver “de acordo com a carne”, respondendo imperfeitamente à graça de Cristo. Por esta razão, tudo o que Paulo diz neste capítulo é uma preparação para o próximo, no qual ele descreve a necessidade de viver “de acordo com o Espírito”. Pode-se dizer que, assim como o fim de Rom 5 apresenta um problema (senjo e morte em Adão) que encontra sua solução em Rom 6 (perdão e nova vida em Cristo), assim o fim de Rom 7 apresenta um problema (as vexações da carne) que encontra sua solução em Rom 8 (vitória no Espírito).

A. D. Naselli (2022) chega a conclusão de que:

Em outras palavras, em Romanos 7 Paulo confessa que luta com o pecado residente como um cristão que ainda não está glorificado. Os crentes experimentam uma tensão entre o “já” (Deus já nos salvou e continua a nos salvar) e o “ainda não” (Deus ainda não consumou a salvação). Em 7:14–25, Paulo explica a luta que sente tanto como cristão quanto como pecador—semelhante à luta que ele descreve em Gálatas 5:16–17 e que Pedro descreve em 1 Pedro 2:11.

Grant Osborne segue por este caminho ao afirmar que:

Paulo usa a metáfora da escravidão para enfatizar hiperbolicamente o crescente controle do pecado às vezes em todos os cristãos. Esta não é a “vida cristã normal”; isso é visto no capítulo 8. Nesse sentido, ele desenvolve um “homem impostor”, uma imagem de crentes que tentam viver a vida cristã com suas próprias forças. Romanos 7:7–23 apresenta o cristão vivo pela carne; 8:1–17, o cristão vivo pelo Espírito. Paulo quer que percebamos as forças malévolas armadas contra nós e os perigos do poder escravizado que pode muito facilmente assumir o controle de nós.

Ou seja, para esses exegetas o “eu” se refere primeiramente a Paulo, mas também a todo cristão pós conversão. Pois, os regenerado em Cristo, vivem em sua natureza terrena, mas também possuem em sua natureza o agir do Espírito Santo. E a partir dessa luta entre

carne e Espírito, essa tensão da nova realidade invadindo o presente Paulo, escreve o capítulo 7. “Os cristãos desejam obedecer a Deus, pois são cidadãos da era vindoura, o reino de Deus. Mas, visto que ainda vivem na era presente do pecado, os cristãos muitas vezes fazem o mal” (Pate 2015, p. 163). E apesar de toda essa luta interna, Paulo conclui dando graças a Deus. E o tempo presente de 7.25b indica estado que continua: “com minha razão continuo servindo à lei de Deus, e com a minha carne [continuo servindo] à lei do pecado”. É precisamente aquele que sabe que Jesus Cristo oferece a resposta que prossegue observando calmamente que o “eu” continua dividido entre a razão e a carne” (Dunn, 2003, p.538). A dificuldade dessa interpretação surge ao vermos que o contexto, capítulos 6-8, parece não descrever um cristão da forma com que é descrito aqui. Há a necessidade de ir a Gálatas 5 e interpretar de forma engenhosa os dois textos. “Praticamente, ignora-se o que Paulo disse nos capítulos 6 e 8, explicando as mesmas coisas contraditas ali, como comuns ao crente, de certa forma” (Júnior 2006, p.310). Ou seja, nessa passagem a vida cristã é descrita em termos surpreendentemente negativos. C. Marvin Pate (2015, p. 160) responde esse problema da seguinte maneira: “essa, porém, é uma crítica mais aparente do que real. Na verdade 7.14-25, apresenta o lado mau e o lado bom do cristão, e sua mescla resulta da sobreposição de duas eras”.

8. A escatologia inaugurada

Quando pensamos em escatologia, pensamos nas coisas que se referem ao fim. Porém, quando pensamos em escatologia inaugurada, pensamos naqueles aspectos, que são marcas dos últimos dias, mas já estão presentes nesta era. A famosa tensão entre o já e ainda não. Hoekema (1989 p.79) fala o seguinte sobre a escatologia inaugurada:

O crente, assim ensina o Novo Testamento, já está na era escatológica mencionada pelos profetas do Antigo Testamento, mas ainda não está no estado final. Ele já experimenta a presença do Espírito Santo em si, mas ainda espera por seu corpo ressurreto. Ele vive nos últimos dias, mas o último dia ainda não chegou.

Sendo assim, podemos questionar: Paulo apresenta algum tipo de escatologia Inaugurada na sua teologia? E na carta aos Romanos? Alguns textos na teologia Paulina nos mostram claramente que Paulo vê que algo da era futura já se inaugurou no presente, por exemplo 2 Co 5.17. Olhando para a carta aos Romanos alguns textos nos mostram uma escatologia inaugurada, o primeiro que queremos ressaltar é Rm 5.10,11, neste texto vemos que a reconciliação inaugura a restauração dos últimos dias, sobre a tríplice repetição do termo reconciliação deste texto, Beale afirma:

Aqui está claro que "reconciliação" se refere ao povo sendo restaurado pela morte de Cristo do estado de hostilidade para o relacionamento pacífico com Deus. A ideia implícita é que Cristo sofreu a hostilidade e a ira de Deus na cruz para que aqueles que creem em Cristo e se identificam com sua morte sejam considerados como tendo sofrido também a ira escatológica de Deus, de modo que agora tenham uma relação de paz com ele” (Beale 2018, p. 462).

Outro texto em Romanos que apresenta a ideia Paulina de algo **já** inaugurado, mas **ainda não** consumado é Romanos 8.23: “*“E nós, os que cremos, também gememos, embora tenhamos o Espírito em nós como antecipação da glória futura, pois aguardamos ansiosos pelo dia em que desfrutaremos nossos direitos de adoção, incluindo a redenção de nosso corpo²⁰⁰”*”, observe que nos versículos 15-17 vemos a doutrina da adoção, porém vemos no versículo 23 que ainda não estamos vivendo a consumação de filhos adotivos, mas de alguma forma o Espírito antecipa em nós a glória futura das bênçãos da adoção. Para J. Dunn (2003, p.528) “a tensão escatológica implícita no esquema de salvação de Paulo perpassa toda a sua soteriologia”, Dunn na sua obra Teologia do Apóstolo Paulo no cap. XVIII seção 2 vai demonstrar que os da redenção, justificação, batismo, estar em Cristo, adoção e do dom do Espírito, todos esses temas na teologia Paulina possui uma realidade já inaugurada e uma realidade que ainda vai se consumir no futuro.

Vimos então o que é escatologia inaugurada e vimos que na teologia de Paulo, incluindo a carta aos Romanos, Paulo apresenta alguns pontos relevantes para a escatologia inaugurada. A partir deste entendimento, podemos compreender que todas as propostas de interpretação de Rm 7 apresentadas neste trabalho lidam basicamente com duas formas de ver a escatologia inaugurada.

9. Ênfase na nova vida inaugurada

As visões apresentadas nos tópicos 1-4 compreendem que aquela descrição não é de um cristão, visto o tamanho da diferença da descrição do Espírito no crente no capítulo 8²⁰¹. Conforme Beale (2018, p. 711):

se essa linha de raciocínio estiver correta, como penso que está, Romanos 7 não deve ser usado para apoiar a ideia de que os cristãos experimentam um conflito em seu interior entre o "velho homem" e o "novo homem". Portanto, essa passagem não é um grande obstáculo para o quadro antropológico que retrata o cristão apenas como o novo "homem" inaugurado do fim dos tempos.

²⁰⁰ Nova Versão Transformadora.

²⁰¹ Moo (2018) na sua introdução ao cap. 8 afirma: O Espírito luta e conquista a hostilidade e o poder da carne (vv. 5b–9; ver 7:5, 14, 18, 25), resgata o crente do cativo do pecado e da morte, tanto “espiritual” quanto “físico” E, realizando o que a própria lei não poderia fazer (v. 3a; veja 7:7–25), permite que a lei, pela primeira vez, seja “satisfeita”.

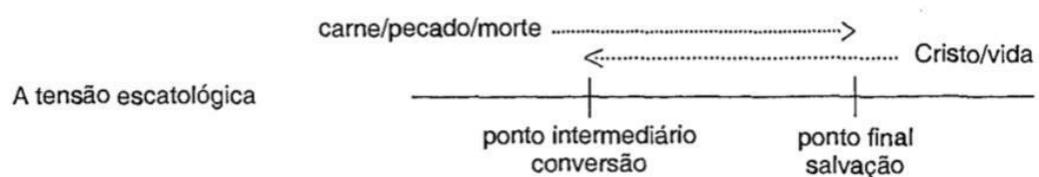
Independentemente se o “eu” seja Adão, Israel, um não-convertido ou Paulo pré conversão, essas visões têm em comum o entendimento que o Espírito Santo é uma marca de renovação fazendo da igreja novo povo de Deus renovado. Os membros da igreja são os novos homens do último dia. Craig Keener (2009, n.p.) afirma que em Rm 8:1-15 “Paulo contrasta a nova vida em Cristo com o melhor que a carne informada pela lei poderia fazer em 7:7-25. Como 7:7-25 refletia a vida sob a lei na carne introduzida em 7:5, então 8:1-17 reflete a nova vida do Espírito introduzida em 7:6”. Ou seja, Keener vê que o capítulo 8 mostra a vida do crente como a vida escatológica inaugurada pelo Espírito, e o capítulo 7 como a velha vida. Michael Bird (2016, n.p.) afirma de forma semelhante que “a reivindicação central de 7:5 era sobre a humanidade na escravidão ao pecado, um estado personificado pelo “eu” de 7:7 – 25. A afirmação central de 7:6 sobre morrer ao pecado e à lei e à libertação do Espírito encontra sua sequência em 8:1 – 17”.

10. Ênfase na tensão escatológica

Se alguns, como vimos, entendem que a nova vida já chegou e isso impede a descrição de uma luta interna com o pecado (no texto de Rm 7). Dunn vai por outro caminho, demonstrando que a descrição feita desta luta contra o pecado é justamente o que acontece quando a nova vida chega. Dunn (2003, p. 538) explica da seguinte maneira:

A tensão de Rm 7,7-25 é a tensão do já-ainda não. Esta ocorre porque o crente vive na sobreposição das eras e pertence a ambas ao mesmo tempo. Deve ser por isso que a questão surge aqui, no meio da exposição paulina do processo da salvação. O fato é que o crente ainda não foi tirado do reino da carne; o crente ainda é carnal. Mas o mesmo crente, com a razão e no interior da pessoa, também deseja fazer a vontade de Deus. Há uma guerra, e o “eu” enquanto carnal ainda está escravizado sob o poder sedutor do pecado (7,14), ainda é mantido prisioneiro pela cadeia da lei abusivamente usada pelo pecado (7,23).

Dunn (2003) ilustra essa tensão da seguinte maneira:



Desta forma, a nova vida está presente juntamente com a nova vida²⁰², a luta descrita é o novo homem lutando internamente com o velho homem. O capítulo 8 demonstra uma outra faceta desta luta, a carne (velho homem) contra o Espírito. “Pois em Paulo a antítese Espírito-carne deve ser entendida não tanto em termos antropológicos como em termos escatológicos” (Dunn, 2003, p.540).

Algo que favorece a interpretação de Dunn e daqueles que observam uma tensão escatológica em Rm 7, é o uso Paulino de $\nu\nu\iota \delta\epsilon$. Paulo utiliza essa expressão 14 vezes (além de 2 em Rm 7). Dentre os 14 usos as passagens de Rm 3.21; 6.22; 1Co 13.13; 15.20; Ef 2.13; Cl 1.22 Paulo utiliza $\nu\nu\iota \delta\epsilon$ para falar de algo que já está presente agora, mas ainda não se consumou. Beale comenta essas passagens em sua Teologia do Novo Testamento, veja o que ele afirma sobre cada uma dessas passagens:

- A. Rm 3.21: “O versículo 21 começa com agora” ($\nu\nu\iota$), e o versículo 26 contém a mesma palavra em uma construção expandida, o “Tempo presente (agora)” ($\tau\omicron \nu\nu\nu \kappa\alpha\iota\pi\omicron$). O primeiro “agora” do versículo 21 ressalta que a “justiça de Deus” se manifestou recentemente, foi “testemunhada” profeticamente pelo AT e indica que essa justiça faz parte do cumprimento escatológico profético (o que é indicado ainda mais pela declaração semelhante em Rm 16.25,26). O “agora”, portanto, indica o início das expectativas dos últimos dias” (Beale, 2018 p. 415).
- B. Rm 6.22: “Por isso, a declaração de Paulo de que os crentes têm a “vida eterna” (Rm 6.22,23) provavelmente está associada a uma realidade “já e ainda não”. Por isso, os santos não são meramente semelhantes a seres ressurretos, mas já começaram a usufruir a ressurreição dos últimos tempos experimentada primeiramente por Cristo porque estão identificados com ele pela fé” (Beale, 2018 p.224).
- C. 1Co 13.13: sobre essa passagem Beale (2018) afirma que o conhecimento que a igreja tem no presente, parcial, será consumado no futuro. Para ele é uma “clássica declaração de “já e ainda não” (Beale 2018, p.778).
- D. 1Co 15.20: Beale (2018) demonstra que a passagem (1Co 15.20-28) mostra que Cristo já ressuscitou dos mortos, mas voltará para consumir a vitória e seu governo.
- E. Ef 2.13: Para Beale (2018) a passagem de Ef 2.13-18 fala sobre a igreja ser um Israel restaurado, deste modo, um Israel escatológico.

²⁰² Os intérpretes que veem a ênfase na nova vida também concordam com a tensão entre o já e o ainda não, porém ainda assim, vêem que Paulo está falando de alguém antes de se converter, ou de si mesmo pré conversão.

F. Cl 1.22: “Colossenses 1.15-22 une de modo bastante próximo os conceitos de nova criação, restauração e reconciliação, bem como o de novo templo” (Beale 2018, p.2018).

Essas passagens nos mostram que na maioria das vezes que Paulo utiliza *νυνι δε* ele nos fala de uma realidade futura que se sobrepõe a presente era²⁰³. Com isso podemos observar que no capítulo 7 Paulo utiliza duas vezes a expressão, nos versículos 6 e 17, veja:

Romanos 7.6: *νυνι δε κατηργήθημεν ἀπὸ τοῦ νόμου, ἀποθανόντες ἐν ᾧ κατειχόμεθα, ὥστε δουλεύειν ἡμᾶς ἐν καινότητι πνεύματος καὶ οὐ παλαιότητι γράμματος.*

Romanos 7.17: *νυνι δε οὐκέτι ἐγὼ κατεργάζομαι αὐτὸ ἀλλὰ ἡ ὀικοῦσα ἐν ἐμοὶ ἁμαρτία.*

O cristão e, incluindo Paulo como cristão, já está livre da Lei. Porém, a liberdade da lei e do pecado não é abrupta, pois ainda não fomos glorificados. Deste modo, a expressão *νυνι δε* está realçando que Paulo está falando de duas realidades sobrepostas, assim como faz em outras ocasiões quando utiliza a expressão.

Podemos concluir isso conforme nos afirma Dunn:

Portanto, a verdadeira questão é se Paulo via a transição da era presente para a era vindoura, de Adão para Cristo, como abrupta, totalmente descontínua e sem qualquer sobreposição. Em outras palavras, a verdadeira questão em debate é a seriedade do “ainda não” — se Paulo de fato concebeu o “eu” do crente como ainda dividido entre o “eu” adâmico catastróficamente fraco e o frustrado “eu” que quer — se Paulo via o crente como ainda parte da era presente, como ainda carnal, como alguém no qual a morte ainda tem que dizer a sua palavra final. Não se trata de defender uma descontinuidade diferente: que 7,7-25 (ou 7,14-25) descreve só a experiência cristã. Trata-se, antes, de perguntar se no esquema já-ainda não de Paulo o “eu” dividido continua dividido no e através do processo de salvação e se a divisão do “eu” de fato não pode ser inteiramente curada (“salva”) antes da ressurreição do corpo” (Dunn, 2003, p.539).

Já a interpretação de Gaventa (2013), pode se adequar tanto a um foco na nova vida, visto que o foco não é no “eu”, mas no pecado que é vencido por Deus (cf.25a). Como também pode ter um foco na tensão escatológica, pois o “eu” embora não seja o foco, vive esse dilema, esperando a libertação completa no final, assim como os salmistas nos Salmos de lamento.

²⁰³ Paulo também utiliza apenas *νυνι* em vez de *νυνι δε*, junto com a expressão “tempo”. “Embora haja usos variados da palavra “agora” no NT (um uso lógico, uma referência ao mero tempo presente, entre outros), o uso escatológico de “agora” para estabelecer o começo de uma era diferente da antiga ocorre em outros trechos dos escritos paulinos e do NT. Paulo associa “agora” a “tempo” outras seis vezes, a maioria delas associada claramente a contextos dos últimos dias. O uso de “agora” sozinho em geral pode ter a mesma associação temporal” (Beale, 2018 p.415).

Conclusão

A partir do que estudamos, vemos que todas as hipóteses tem seus pontos fortes e suas fragilidades. A proposta de nosso artigo não é propor uma nova solução, mas demonstrar que as propostas existentes possuem uma relação direta com a escatologia inaugurada. Dentre todas as interpretações apresentadas, ao nosso ver a ideia de que Romanos 7 esteja falando do eu dividido em duas eras reflete melhor a escatologia inaugurada de Paulo. Ainda que assim como as outras interpretações possuem pontos fortes e fracos, quando olhamos para teologia Paulina conseguimos perceber que Paulo apresenta vida cristã conforme Lutero bem afirmou: “simul justus et peccator”.

REFERÊNCIAS

- ACHTEMEIER, Paul J. **Romans: Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching**. Ebook ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2010. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/2100825/romans-pdf>>. Acesso em: 13 out 2022.
- BEALE, G. K. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida nova, 2018.
- BIRD, Michael F. **Romans**. Ebook ed. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2016. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/560699/romans-pdf>>. Acesso em: 18 out 2022.
- BRUCE, F. F. **Romans**. Ebook ed. Westmont: IVP Academic, 2008. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/1470521/romans-pdf>>. Acesso em: 18 out 2022.
- DUNN, James. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo : Paulus, 2003.
- . **Romans 1-8, Volume 38a**. Dallas: Word Book, 2015.
- FEE, Gordon. **Paulo, o Espírito e o povo de Deus**. Campinas: United Press, 1997.
- GAVENTA, B. R. **Apocalyptic Paul**. Ebook ed. Waco: Balordo University, 2013. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/1587699/apocalyptic-paul-cosmos-and-anthropos-in-romans-58-pdf>>. Acesso em: 15 out 2022.
- GORMAN, Michael J. **Romans: A Theological and Pastoral Commentary**. Grand Rapids:

Wm. B. Eerdmans Publishing, 2022. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/3025463/romans-pdf>>. Acesso em: 18 out 2022.

HAHN, Scott W. **Romans (Catholic Commentary on Sacred Scripture)**. Ebook ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2017. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/1277710/romans-catholic-commentary-on-sacred-scripture-pdf>>. Acesso em: 17 out 2022.

HOEKEMA, Anthony A. **A Bíblia e o futuro**. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 1989.

JÚNIOR, Jair de A. **A agonia e o fracasso do não regenerado em Romanos 7.7-25**. Monografia do mestrado em Novo testamento, apresentado ao Centro presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, São Paulo; 343p; 2006.

KEENER, Craig S. **Romans: A New Covenant Commentary**. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2009. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/879084/romans-pdf>>. Acesso em: 19 out 2022.

KEENER, Craig S. **The Mind of the Spirit: Paul's Approach to Transformed Thinking**. Grand Rapids: Baker Academic, 2016. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/2051126/the-mind-of-the-spirit-pdf>>. Acesso em: 18 out 2022.

KRUSE, Colin G. **Paul 's Letter to the Romans**. Ebook ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2012. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/2015776/pauls-letter-to-the-romans-pdf>>. Acesso em: 17 out 2022.

LONGENECKER, Richard N. **The Epistle to the Romans**. Ebook ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2016. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/2015622/the-epistle-to-the-romans-pdf>>. Acesso em: 10 out 2022.

MOO, Douglas J. **The Letter to the Romans**. Ebook ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2018. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/2015314/the-letter-to-the-romans-pdf>>. Acesso em: 9 out 2022.

NASELLI, Andrew David. **Romans: A Concise Guide to the Greatest Letter Ever Written**. Wheaton: Crossway, 2022. Disponível em:

<<https://www.perlego.com/book/3264609/romans-pdf>>. Acesso em: 1 out 2022.

OSBORNE, Grant R. **Romans Verse by Verse**. Bellingham : Lexham Press, 2017. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/2055126/romans-verse-by-verse-pdf>>. Acesso em: 1 out 2022.

PATE, C. Marvin. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SCHREINER, Thomas R. **Romans (Baker Exegetical Commentary on the New Testament)**. Ebook ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2018. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/2051130/romans-baker-exegetical-commentary-on-the-new-testament-pdf>>. Acesso em: 10 out 2022.

THIELMAN, Frank S. **Romans**. Ebook ed. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2018. Disponível em: <<https://www.perlego.com/book/581251/romans-pdf>>. Acesso em: 12 out 2022.

WITHERINGTON, B. **What’s in the Word: Rethinking the Socio-Rhetorical Character of the New Testament**. Waco: Baylor University Press, 2011.